

A IGREJA LUCIFERIANA SOB O OLHAR DA FOLKCOMUNICAÇÃO¹

Kevin Kossar Furtado²

RESUMO

Este trabalho analisa a Igreja luciferiana de Itatiaia, no Rio de Janeiro, como fenômeno religioso híbrido, comunicacionalmente performativo e marginalizado, a partir da folkcomunicação. O corpus inclui três reportagens (d’*O Globo*, *Folha de S.Paulo* e *UOL*) que destacam sincretismo e estratégias de visibilidade digital. A metodologia qualitativa articula análise de mídia e interpretação simbólica. Identificam-se elementos de magia, sincretismo e midiatização que revelam disputas por legitimidade e pertencimento simbólico. O estudo propõe contribuições à compreensão da fé em contextos periféricos e digitais.

PALAVRAS-CHAVE

Igreja luciferiana; folkcomunicação; magia; sincretismo; imprensa.

INTRODUÇÃO

O presente texto trata da Igreja luciferiana de Itatiaia, no Rio de Janeiro, enquanto fenômeno religioso híbrido, comunicacionalmente performativo, e grupo culturalmente marginalizado, a partir do referencial teórico-metodológico da folkcomunicação (Beltrão, 1980, 2004) na análise do corpus constituído por três reportagens d’*O Globo*, *Folha de S.Paulo* e *UOL*. Templo situado no quilômetro 326 da Via Dutra, perto da divisa com o estado de São Paulo, possui paredes pretas com cruces de ponta-cabeça, teto vermelho e imagens de mais de dois metros de altura ao redor. Jonathan de Oliveira Ribeiro, o mestre Jonan, de 31 anos, comanda o espaço, e atende trabalhos voltados à prosperidade financeira, agradecimento por objetivos alcançados, “reparação” de danos causados por outras pessoas e amarrações amorosas (O Globo, 2025).

Ao conjugar, em seus relatos midiáticos, rituais simbólicos carregados de *mana* e sincretismos que atravessam matrizes afro-brasileiras e o cristianismo, a visibilidade da Igreja luciferiana, materializada em lives de despacho e vídeos virais, permite vislumbrar

¹ Trabalho apresentado para o GT 1: Diálogos e Fundamentos Teóricos da Folkcomunicação, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

² Professor do Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Mestre em Ciências Sociais Aplicadas e bacharel em Jornalismo pela UEPG. Contato: kevin@aol.com.br.

o modo como práticas folkcomunicacionais permeiam o espaço religioso digital, sem reduzir-se a um modelo institucional. A abordagem folkcomunicacional possibilita observar como a Igreja reconfigura símbolos religiosos em disputa com estratégias narrativas e estéticas que circulam pelas margens de institucionalidades. O fenômeno transmite um repertório simbólico que comunica uma espiritualidade situada na fronteira entre o convencionalmente aceito por uma religiosidade institucionalmente constituída e o transgressivo.

A articulação entre fé, performance e redes sociais tensiona o campo religioso contemporâneo e coloca em cena discursos que, embora historicamente subordinados, ressignificam a tradição por meio da visibilidade digital. O trabalho objetiva, pela perspectiva folkcomunicacional, indicar como elementos de magia ritual são reportados pela imprensa no caso da Igreja luciferiana e refletir sobre os mecanismos de hibridização simbólica presentes.

METODOLOGIA

Entendemos, religião, aqui, como um “sistema comum de crenças e práticas relativas a seres sobre-humanos dentro de universos históricos e culturais específicos”. Ressalta-se que, em diferentes civilizações, não há um termo equivalente à noção de “religião”, como, por exemplo, na tradição hindu. Além disso, verifica-se que todas as culturas conhecidas produziram práticas, rituais e crenças que podem ser rotuladas de “religiosas”. O fenômeno religioso pode, pois, existir independentemente da formulação conceitual que o nomeie. Mais, “nosso” conceito de “religião” permanece aplicável apenas em contextos nos quais certas experiências já se organizam como campo específico da vida social. Em universos históricos e culturais distintos, o que se apresenta ao olhar ocidental como “religioso” não necessariamente se dissocia de outros domínios da existência. A definição de “religião” precisa considerar a pluralidade de expressões simbólicas que estruturam diferentes fenômenos e evitar reduções baseadas em categorias produzidas por uma cultura determinada (Dantas; Lima, 2010, p. 1070).

A análise aqui executada adota o referencial teórico-metodológico da folkcomunicação tal como formulada por Luiz Beltrão (1980, 2004), abordagem que permite compreender manifestações culturais não hegemônicas, organizadas por grupos

periféricos como produtoras de sentido cultural, que se expressam por meio de linguagens próprias e resistem a formas institucionalizadas de controle simbólico. As manifestações religiosas, ritualísticas, estéticas e comunicacionais aqui consideradas, pelo viés da folkcomunicação, são vistas como sistemas expressivos próprios, não reduzidos, pois, à lógica homogeneizadora dos meios de comunicação.

O corpus da pesquisa consiste de três reportagens publicadas em 2025 sobre a Igreja luciferiana, localizada em Itatiaia, Rio de Janeiro: *‘Lúcifer é luz’: como foi o casamento ‘luciferiano’ com noivos de vermelho*; *Igreja de Lúcifer na Via Dutra aguarda alvará para receber fiéis*; e *Conheça a primeira Igreja luciferiana do Brasil, templo dedicado a Lúcifer, o adversário de Deus*. A análise observou os modos de representação da Igreja luciferiana, com destaque de elementos simbólicos, discursivos e performáticos descritos nas reportagens. A leitura interpretativa articula-se com a teoria da folkcomunicação, que permite observar os sentidos comunicacionais em contextos marginais, bem como a construção de uma religiosidade que tensiona os limites entre fé, espetáculo e resistência simbólica.

ANÁLISE

O Brasil conforma-se como território marcado pela síntese e pela convivência entre diferenças. Os arranjos culturais, em sua maleabilidade, acomodam contrastes de raças, cores, crenças, hábitos, práticas sincréticas e formas plurais de vivência da fé. Em vez de produzir homogeneização, o espaço brasileiro engendrou mecanismos de assimilação e transposição simbólica que conferem fluidez à sua formação cultural. A comunicação religiosa constitui exemplo desse “jeitinho brasileiro”. O sincretismo entre santos católicos e orixás, forjado nas senzalas e nos terreiros sob vigilância colonial, reflete uma operação simbólica que ressignificou interditos e preservou matrizes africanas sob o disfarce litúrgico do cristianismo (Paranhos, 2013, p. 662), o que também se expressa na Igreja luciferiana.

A magia se faz presente na dinâmica da Igreja luciferiana, onde rituais performáticos, como banhos de sangue e despachos online (Finotti; Verpa, 2025; O Globo, 2025), se articulam como encenações simbólicas com fins espirituais, estéticos e comunicacionais. Ela insere-se em práticas rituais como expressão de um sistema

simbólico articulado em torno do “mana”, “princípio vital” presente em diferentes cosmologias. Ao compreendê-la como uma “ideia prática”, Marcel Mauss e Henri Hubert deslocam o entendimento da magia para uma “arte do fazer”: não se trata de atributo inato, mas de força provocada, fabricada, tornada existente por meio da ação. A lógica mágica se constrói como um operador de agência; sua manifestação exige ativação, execução, gesto.

A magia mobiliza um campo de práticas e instaura uma antropologia da performance. Estruturada como um sistema de representações que tensiona natureza e sobrenatural, a magia adquire eficácia simbólica na medida em que se realiza por meio da performance do agente ritual; o corpo e a voz do oficiante, seus movimentos e falas, produzem efeitos que sustentam a crença na potência do ato mágico – vide a projeção de líderes religiosos em variados campos do religioso contemporâneo no Brasil (Rocha, 2010, p. 774-775).

A Igreja luciferiana estrutura-se pela hibridização, no sentido atribuído por Canclini (2013), a partir do sincretismo religioso, ao reelaborar e recombinar criativamente sistemas de crença heterogêneos, a partir de lógicas de apropriação, em novos arranjos, ao conectar entidades como exus e pombagiras com figuras como Lúcifer e Astaroth (Finotti; Verpa, 2025; O Globo, 2025). A apropriação de Lúcifer, especificamente, em seu caráter simbólico de liberdade e luz, opõe-se frontalmente à imagem cristã de ente do “mal”.

A teoria da folkcomunicação oferece ferramentas para compreender como essas práticas circulam e produzem sentido ao tratar das formas pelas quais grupos periféricos constroem suas próprias redes de comunicação e recorrem a linguagens, símbolos e rituais que escapam aos códigos oficiais. Tais manifestações, longe de se restringirem ao passado ou ao folclórico, atualizam-se em novas mídias e nos ambientes digitais. No caso da Igreja luciferiana, observa-se a convergência entre práticas tradicionais de culto e estratégias de visibilidade digital, num circuito comunicacional em que performance e devoção se entrelaçam (Finotti; Verpa, 2025).

Compreendemos a “Igreja de Lúcifer” (Finotti; Verpa, 2025) a partir da categoria de grupo culturalmente marginalizado de Beltrão (1980), que destacou o lugar simbólico dos grupos considerados desviantes ou periféricos na construção de uma cultura popular que resiste e se comunica por outras vias. A condição periférica da Igreja luciferiana,

manifesta nos enfrentamentos e na intolerância sofrida (Finotti; Verpa, 2025), afirma sua posição como experiência religiosa subalterna, situada fora de uma normatividade institucional, mas produtora de sentidos e vínculos de pertencimento, visto, sobretudo, no “casamento luciferiano” realizado no espaço. “Esse foi o primeiro casamento luciferiano registrado oficialmente no Brasil, afirma o mestre Jonan (Businari, 2025).

Mais do que suportes técnicos, as redes sociais operam para a Igreja luciferiana como parte integrante da performance ritual, com os banhos em sangue dos sacrifícios feitos pelo mestre Joan, cujas diversas contas do TikTok, Instagram e outras redes sociais chegam a 4 milhões de seguidores (Finotti; Verpa, 2025; O Globo, 2025). A figura do mestre assume o papel de influenciador religioso, cujo corpo, fala e imagem são cuidadosamente mediados.

CONSIDERAÇÕES E DESDOBRAMENTOS

A análise da cobertura midiática da Igreja luciferiana revela um fenômeno religioso que opera na contramão de sistemas institucionais hegemônicos ao unir práticas simbólicas de matriz mágica, recombinações sincréticas e estratégias de midiaticização digital. A partir do referencial da folkcomunicação, torna-se possível compreender essa manifestação como expressão de uma religiosidade que incorpora margens, atravessa fronteiras simbólicas e se vale de dispositivos comunicacionais próprios.

Os rituais performáticos registrados nas reportagens, longe de se restringirem à esfera privada da crença, produzem enunciados públicos de fé que enfrentam resistências. A presença da Igreja luciferiana nas plataformas digitais amplia esse campo de disputa ao projetar narrativas para além do espaço físico do templo, que transformam o culto em produto audiovisual. A circulação em redes sociais evidencia que a folkcomunicação não apenas resiste, mas atualiza-se e expande-se.

Os discursos jornalísticos, ainda que permeados de exotização ou estranhamento, registram com precisão os modos como a Igreja comunica seus princípios, seus rituais e sua proposta espiritual. A escolha da imprensa por destacar elementos mágicos e espetaculares aponta para uma relação ambivalente com o fenômeno: ao mesmo tempo em que o visibiliza, o enquadra nos limites do sensacional, do excêntrico e do polêmico.

Ainda que o presente texto tenha se dedicado a interpretar a Igreja luciferiana sob a lente da folkcomunicação, permanece como possibilidade analítica o aprofundamento das estratégias de midiaticização que organizam sua presença digital. Observa-se, em uma reportagem (O Globo, 2025), o uso do termo “seita” para designar o grupo, sem qualquer problematização da carga pejorativa que essa classificação carrega, o que revela não apenas uma concepção reducionista de religião, mas também a permanência de critérios normativos vinculados à tradição cristã.

A imprensa, ao destacar os rituais mágicos e as imagens simbólicas mais polêmicas, reforça um enquadramento que desautoriza o grupo como legítimo espaço de fé. Ao mesmo tempo, a atuação do mestre Jonan, suas estratégias discursivas e o uso intensivo de plataformas digitais apontam para uma lógica de marketing religioso que associa carisma, espetáculo e autoridade espiritual. Essas questões demandam aprofundamento posterior, sobretudo em diálogo com os estudos sobre a midiaticização do religioso e as disputas simbólicas em torno de expressões de fé no espaço público.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.

BUSINARI, Maurício. ‘Lúcifer é luz’: como foi o casamento ‘luciferiano’ com noivos de vermelho. **UOL**, 27 maio 2025. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2025/05/27/vestido-vermelho-noivo-a-cavalo-o-1-casamento-luciferiano-do-brasil.htm>. Acesso em: 9 jul. 2025.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2013.

DANTAS, Douglas; LIMA, Cássio. Religião. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. **Enciclopédia Intercom de Comunicação**. São Paulo, 2010. v. 1. p. 1069-1070.

FINOTTI, Ivan; VERPA, Danilo. Igreja de Lúcifer na Via Dutra aguarda alvará para receber fiéis. **Folha de S.Paulo**, 31 maio 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2025/05/igreja-de-lucifer-na-via-dutra-aguarda-alvara-para-receber-fieis.shtml>. Acesso em: 9 jul. 2025.

PARANHOS, Tais. O jeitinho brasileiro de comunicar segundo Luiz Antônio Barreto. In: MELO, José Marques; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). **Metamorfose da folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013. p. 662-663.

O GLOBO. Conheça a primeira Igreja luciferiana do Brasil, templo dedicado a Lúcifer, o adversário de Deus. **O Globo**, 29 jun. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2025/06/29/conheca-a-primeira-igreja-luciferiana-do-rio-templo-dedicado-a-lucifer-o-adversario-de-deus.ghtml>. Acesso em: 9 jul. 2025.

ROCHA, Gilmar. Magia. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. **Enciclopédia Intercom de Comunicação**. São Paulo, 2010. v. 1. p. 774-775.